

MON CAS / 1986

O Meu Caso

um filme de Manoel de Oliveira

Realização: Manoel de Oliveira / **Argumento:** Manoel de Oliveira, segundo a peça “O Meu Caso” de José Régio, extractos de “Pour En Finir Encore et Autres Foirades” de Samuel Beckett e extractos de “O Livro de Job” do Antigo Testamento / **Fotografia:** Mário Barroso / **Operador de Imagem:** José António Loureiro / **Som:** Joaquim Pinto / **Assistente de Som:** Gita Cerveira / **Guarda-Roupa:** Josette Savalle, Marie France Argentine / **Vestuário:** Jasmin / **Coreografia:** Françoise Robillon / **Música:** João Paes / **Direcção Musical:** Armando Vidal / **Montagem:** Rodolfo Vedeles, Véronique Blie, Ana Luísa Guimarães (versão dobrada em português, não creditada) / **Cenários:** Maria José Branco, Luís Monteiro / **Assistentes de Realização:** Jaime Silva, Alexandre Gouzot, Xavier Beauvois / **Intérpretes:** Luís Miguel Cintra (o desconhecido e Job), Bulle Ogier (a actriz e a mulher de Job), Axel Bougosslavsky (o empregado e Elifaz), Fred Personne (o autor e Bildad), Wladimir Ivanovsky (1º espectador e Zofar), Gregorie Oestermann (2º espectador e Eliú), Hélène Mignot (a 2ª actriz)

Produção: Filmagem, Les Films du Passage, S.E.T.E. / **Produtor:** Paulo Branco / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor e preto e branco, versão francesa com legendas eletrónicas em português, 91 minutos / **Estreia Mundial:** 30 de Agosto de 1986, na abertura do Festival Internacional de Veneza / **Estreia em Portugal:** Lumière (Porto), Nimas e Quarteto, a 8 de Maio de 1987.

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

1. À primeira vista – e eu escrevi isto antes de Manoel de Oliveira ter filmado **A Caixa – Mon Cas** é o mais ligeiro dos filmes, o *divertissement* de um Oliveira triunfante. Quase nada, salvo o *quantum continuum* que é o teatro, parece associar este filme ao *opus magnum* que era **Soulier de Satin**, filme de 1985, imediatamente anterior a este. É verdade que há ainda planos muito longos e que cada personagem tem o seu monólogo, mas o estatismo hierático da câmara e dos actores, bem como a sucessão de recitativos dos personagens do **Soulier**, são substituídos por uma surpreendente leveza que nos faz pensar no teatro de *boulevard* e nas comédias do cinema mudo.

Convém todavia estar atento à metodologia de Oliveira. Em **Mon Cas**, o cineasta procede como um arquitecto. A ligeireza não é senão um primeiro diagrama, correspondendo ao *plano de terra*. Oliveira levantará depois a pirâmide visual do *alçado* e só a combinação desses dois conjuntos, desses dois diagramas, nos permite obter a imagem em perspectiva, a unidade perfeita da tremenda inocência e da tremenda crueldade que **Mon Cas** encerra. Compreende-se então que, na sua aparente diversidade, **Mon Cas** nos conduz ao eterno centro da obra de Oliveira, à culpa, ao pecado e à justiça, às relações, enfim, entre o humano e o divino.

2. **Mon Cas** é a adaptação da peça de José Régio. Dir-se-ia que Manoel de Oliveira se apropria duplamente do texto de Régio. Em primeiro lugar, encena-o segundo convenções teatrais, afirmadas de modo evidente e inequívoco através da presença ritualizada da cortina, de definição de um espaço e tempo cénicos que os cenários nunca iludem e que as entradas dos actores reforçam. Mas se Oliveira é o encenador de Régio, ele é num segundo tempo, o realizador do filme que regista a sua própria encenação, fiel de resto a um dos princípios teóricos que comandou a sua obra dos anos 80, segundo o qual o cinema mais não é do que o registo audiovisual do teatro, forma subtil de dizer que o teatro é o caminho mais curto para se chegar ao cinema.

3. É curioso verificar que aquela dupla apropriação não significa que tenha havido da parte do cineasta uma irrepreensível fidelidade ao espírito da peça de Régio. Na adaptação de Oliveira sente-se que há um deslocamento do nó temático. O conflito entre a ilusão da representação e o drama da condição humana, presente ainda nos diálogos e monólogos dos personagens, só acessoriamente parece motivar Oliveira. **Mon Cas** é um filme em que se pressente uma ilimitada confiança na representação, quase se admitindo que não

há um exterior da representação. Se o problema da peça era, a meu ver, de tipo ético, o do filme é estético *tout court*: o que é a geometria cinematográfica, como chegar à *costruzione legittima*?

4. Por isso se diz que Oliveira procede em **Mon Cas** como um arquitecto. É um filme sobre a perspectiva, sobre a unidade de dois planos – horizontal e vertical. A explicitação desses dois planos é evidente e múltipla ao longo de todo o filme. É, já disse e tenho de o repetir, um filme ligeiro e grave. Da explanação linear do texto de Régio que constitui a primeira repetição, passa-se a modelos contrastantes, escasso o da segunda repetição, marcada pela ausência da voz e da cor; excessivo o da terceira repetição, com o caos da voz (conseguindo pela sua inversão simples) e o barroco da cor. A esse contraste no interior das repetições, sucede-se a violenta variação de tom (para alguns, e à primeira vista, passará por ser um desequilíbrio) da quarta parte. A adaptação dos extractos do *Livro de Job*, muda o registo meio artesanal, meio hollywoodiano (foi Bulle Ogier quem, numa entrevista, o disse: «*o que é curioso é que em Oliveira tudo é artesanal, mas de repente também é como Hollywood*»), para um registo que se aproxima do cinema de Schroeter.

5. Mas então, onde é que está a unidade, em que ponto é que os dois planos, os dois diagramas se combinam para formar a imagem em perspectiva? É quando a unidade parece já impossível, que os dois diagramas convergem para o ponto de fuga de **Mon Cas**. Sem o *Livro de Job*, o filme de Oliveira seria o *divertissement* que alguns encontram nas três repetições, compadecendo-se da gravidade da quarta. O ponto de fuga de **Mon Cas** é Deus, perfeita unidade de que emanam o som (o potente trovão da Sua voz) e a luz (a claridade súbita do Seu raio). Talvez seja curto dizer isto, mas Deus, no filme de Oliveira é o cinema na mais essencial nudez. Ou então, para dizer de outro modo, o cinema não é senão a descoberta de Deus, a Sua revelação.

6. Será **Mon Cas** a alegórica exposição do caso de Oliveira? Será **Mon Cas** o mais explicitamente autobiográfico dos seus filmes? Seríamos tentados a pensar assim, se isolássemos cada um dos dois planos estruturais do filme. À exposição dos casos da peça de Régio, seguir-se-ia a exposição do caso de Oliveira implícito na alegoria de Job. Mas a unidade dos dois planos, a visão dos dois planos numa imagem em perspectiva, torna irrisória essa tentação de leitura do filme pelo lado autobiográfico. Torna-a ao menos desinteressante. O problema do filme, insisto, não é ético, é estético. E se alguma tensão há, ela é de ordem teológica, fazendo de Deus a justificação última de toda a história. Da mesma forma que Oliveira ironiza cruelmente sobre os casos da peça de Régio, tornando-se inaudíveis ou incompreensíveis (parafraseando o texto de Beckett, Oliveira não permite na segunda a terceira repetição que nenhum dos personagens volte a dizer “eu”), também Job, na quarta parte, não pode ser um caso, porque “nenhum homem poderia ser justo contra Deus”.

7. **Mon Cas** é uma portentosa exibição da vertente do cinema que Oliveira nunca deixou de explorar (e no *Soulier* há abundantes exemplos), mas que talvez nunca tivesse explorado, até este filme, com tanta inocência. Seria fastidioso acumular exemplos, bastará ver a segunda repetição, um dos momentos soberanos do cinema em Oliveira, com uma prodigiosa découpagem (acrescente-se que a ideia de repetição é um *trompe l'oeil*, uma vez que neste filme uno, todos os elementos são diversos e nenhuma acção é igual à anterior).

Mon Cas é também, para quem tenha problemas com a representação dos actores nos filmes de Oliveira – questão absurda, mas que alguns têm como óbvia e pertinente – uma surpresa incómoda. Uma direcção de actores espantosa em que o trabalho de Axel Bougosslavsky domina, comovente e sublime, como sublime é o plano em que Luis Miguel Cintra (Job) se levanta para responder à interpelação de Bildad: «*Je dirais à Dieu: ne me condamne pas.*»

8. Este é **Mon Cas** de Manoel de Oliveira, a sua cidade ideal, a impossível Jerusalém terrestre, o mais geométrico dos seus filmes. E é, como as visões de Brunelleschi, de Alberti, de Piero della Francesca e de Leonardo da Vinci, uma visão através de algo. A sua *costruzione legittima*.

Manuel S. Fonseca

